

ReAD

Vol. 2, N° 1 - 2024

ISSN - 2965-6222

Produzido pela
Editora Universitária
Tiradentes



Revista Acadêmica
de Divulgação Científica

Opinião

ENTRE NAVALHAS E CICATRIZES: TRAVESTIS E TRANSEXUAIS NA PÓS-GRADUAÇÃO NO BRASIL

página 38



CONEXÕES "PELO TELEFONE"
E "PELA INTERNET":
A CIÊNCIA NAS ONDAS
DO SAMBA



WHATSAPP NA EDUCAÇÃO:
UMA JORNADA TECNOLÓGICA
RUMO AO SABER COLETIVO



R-VERSO
R-VERSO

"ORWELL FEAT. CRIOLO":
DIÁLOGOS SOBRE A EXCLUSÃO SOCIAL"

EDITORIAL

Pensar o espaço quando estamos em um momento onde tempo e espaço ganham outras definições e características, pois vivemos imersos em uma Cultura Digital que se concretiza em meio ao uso de artefatos tecnológicos. Artefatos esses, que nos ajudam a repensar segmentos da sociedade junto ao que se propõe como tendência e novas formas de viver e estar no mundo.

Qual o espaço que habitamos? Esta é a tônica desta nova edição da ReAD, sobre os espaços culturais, a (in)segurança social e laboral. O geógrafo Milton Santos, no livro *Metamorfoses do espaço habitado*, reflete que qualquer ação humana por meio de seu trabalho produz um espaço.

O espaço da arte que ultrapassa o tempo (Artigo de Opinião) e a função de entretenimento (Produção Científica II e Incommunis) produzindo novas perspectivas científicas. A promoção de espaços seguros e inclusivos de vivência (Lugar de Falas).

Em seu terceiro número a ReAD apresenta-se como um espaço de protagonismo acadêmico de acesso livre com vistas a se legitimar, cada vez mais, como um espaço democrático de popularização da ciência.

Dra. Cristiane de Magalhães Porto

Editora Chefe e Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação - UNIT/ITP/CNPq

Ma. Ana Izabel Nascimento Souza

Pós-Graduanda em Saúde e Ambiente - UNIT

SUMÁRIO

SEGUE AQUI	4	R-VERSO	23 e 25
PRODUÇÃO CIENTÍFICA	5	INCOMMUNIS	29
LUGAR DE FALAS	9	CURIANDO	35
PRODUÇÃO CIENTÍFICA	11 e 15	ARTIGO DE OPINIÃO	38
INCOMMUNIS	19	PRODUÇÃO CIENTÍFICA	42

LANÇAMENTO CORDEL



ANA IZABEL NASCIMENTO SOUZA
CARLOS AUGUSTO ALCÂNTARA MACHADO



ACESSO GRATUITO

SEGUE AQUI

 **@casadeoswaldocruz**

A Casa de Oswaldo Cruz é um braço da FioCruz voltado à Divulgação Científica. As publicações são bem diversificadas entre dicas culturais, fatos históricos, publicações científicas, destaques para o acervo da Fiocruz. Clica em seguir que vale a pena.

Vale a pena seguir, compartilhar e comentar.



Revista Acadêmica de Divulgação Científica | **ReAD**

Vol. 2, N° 1 - 2024

Publicação Semestral

ISSN - 2965-6222

Expediente

Editoras-Chefe:

Cristiane Porto

Claudia Melo

Editores-Assistentes e Criadores de Conteúdo

Ana Izabel Nascimento Souza

Jessy Tawane Santana

Capa e Diagramação

Equipe Editorial Edunit

Conselho Editorial

Adilson Jesus Aparecido de Oliveira - UFSCAR/CNPq

Antonio Carlos Rodrigues de Amorim - UNICAMP/CNPq

Edvaldo Souza Couto - UFBA/CNPq

Isaltina Gomes - UFPE/CNPq

Kaio Eduardo de Jesus Oliveira - UFRB/CNPq

Laércio Ferracioli - UFES/CNPq

Luiza Massarani - FIOCRUZ-RJ/CNPq

Maíra Bittencout - UFS

Mariano Gomes Pimentel - UNIRIO

Normanda Araujo de Moraes - UNIFOR/CNPq

Rodrigo Arantes Reis - UFPR/CNPq



Editora Universitária Tiradentes

Av. Murilo Dantas, 300 - Bloco F,

Sala 11- Farolândia, Aracaju - SE,

CEP- 49032-490

editora@unit.br

www.editoratiradentes.com.br



RELATO DE MINHA REVERÊNCIA À IDENTIDADE ARTÍSTICA DE LEONARDO ALENCAR, NO PAINEL ALEGORIA ACADÊMICA



Dirce Rodrigues da Costa Nascimento - Doutoranda em Educação (PPED/UNIT). Integrante do Grupo de Pesquisa História das Práticas Educacionais/UNIT/CNPq. Integrante do Movimento Cultural Antônio Garcia Filho, da Academia Sergipana de Letras (MAC).

As aulas de Divulgação Científica combinadas com as de Pesquisa em Educação me trouxeram, no primeiro semestre do Doutorado em Educação, um aprendizado muito mais importante que quaisquer metodologias e teorias apresentadas: a sabedoria de utilizar-se de sua essência para desenvolver o seu trabalho. Sempre busquei dissociar de minha escrita acadêmica a arte, que é parte (grande) de quem sou. A poesia existe em mim tão forte quanto a água em meu sangue, já que para mim é muito mais fácil e prazeroso degustar um soneto que um copo de água gelada, no nosso eterno verão aracajuano.

Desde então venho prestando atenção em quem vive sua vida, defendendo sua essência e ensinando, ao existir, utilizando-se dela como uma maneira ou até um método de exposição. Então, de uns meses para cá descobri que "meus" educadores favoritos, os professores que se destacam até hoje em minha história como intelectuais despertadores, como verdadeiros incentivadores, sempre transbordaram identidade e essência em tudo que faziam, ao ensinar o comum com seu olhar único e pessoal.

Hoje venho lhes contar sobre meu último despertar. Desde sempre, às segundas-feiras, participo das sessões da Academia Sergipana de Letras (ASL). Cresci nessa casa, em idade e formação, sempre sob seu olhar cuidadoso. Tenho noção dos privilégios que vivi desde a primeira infância, afinal, ser criada entre intelectuais e a cultura que deles emana, certamente, moldou quem sou e cultivou a arte, que hoje reconheço tão forte em mim. Todas as segundas, às 15 horas, a ASL recebe seus acadêmicos e visitantes para a sua reunião semanal, com conferências ou sessões ordinárias, ideais para a troca de assuntos ligados à literatura, arte, educação e a cultura do nosso Estado. São sempre momentos muito valorosos de divulgação da produção literária dos Acadêmicos e conversas que mantêm a ASL viva em movimento, conteúdo e identidade.

Na primeira sessão do ano de 2024 não foi diferente, ao entrar na sala dos fundadores, já reconheci as notas do tão estimado N. 9: Finale, da peça O Lago dos Cisnes de Tchaikovsky, tocadas pelo Maestro Dida no piano da já imortalizada Professora Ofenísia Freire que riqueza para um início de semana. Inspirada pela melodia, meus olhos dançam por toda sala, agradecidos pela alegria de viver mais um momento cultural ali. Nesse *adagio*¹, passei, calmamente, canto a canto, do sofá amarelo estilo Luís XV, às esculturas e telas de artistas sergipanos, como Zeus, J. Inácio, Adauto e Jordão de Oliveira, até que parei, quase que numa reverência, no Painel Alegoria Acadêmica, do pintor Leonardo Alencar, e sorri.

Sorri com gosto de guaraná e pipoca de micro-ondas, sorri com o cheiro de tinta acrílica fresca comprada na papelaria Aquarela, sorri com a lembrança feliz das minhas tardes dos anos 2000, quando tive como um dos "meus" educadores um dos pintores mais importantes de Sergipe, Leonardo Alencar.

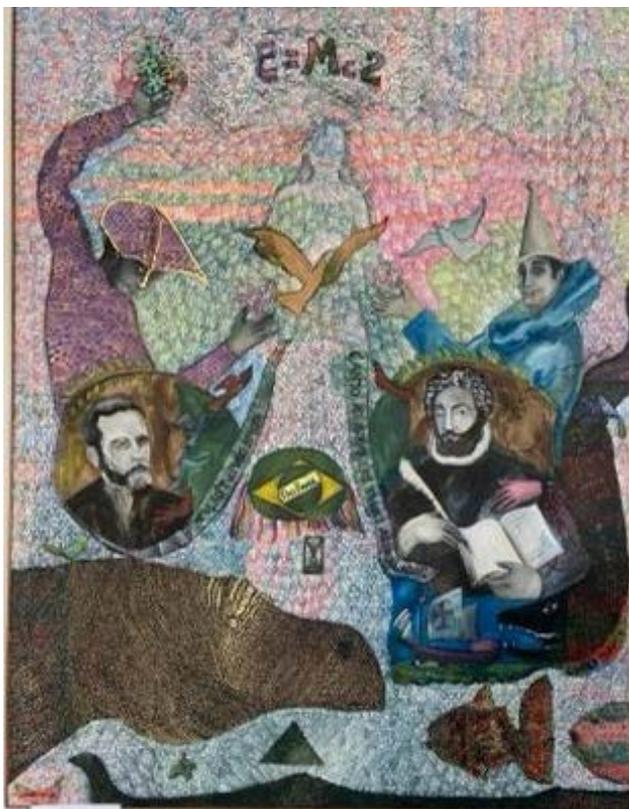
Leonardo Alencar foi estudante da Escola de Belas Artes da Universidade da Bahia e, também, professor desta instituição de ensino, o que o levou a frequentar e expor telas da sua produção artística em vários países do mundo.

Tive a sorte de ser sua aluna em sua casa/ateliê, e o que mais me fascinava em nossas tardes era a maneira com que ele nos ensinava a cultura, sim, cultura, pois em suas aulas o professor Leonardo nos passava muito mais que a "técnica"

¹ Termo utilizado na dança para descrever os passos feitos numa música lenta.

de sua pintura. Caro leitor, por favor, preciso que destaque com bastante ênfase essas aspas, afinal, esta que lhe escreve infelizmente, não se encontrou entre as tintas. Como pintora era uma ótima ouvinte, e se encantava com sua erudição tão particular e colorida, musical, poética e literata, tão concreta quanto às suas telas e a pipoca deliciosa que nos servia.

E foi desta visão erudita de meu professor que me lembrei ao contemplar o Painel Alegoria Acadêmica. O painel foi sugerido a Leonardo Alencar pelo Presidente da ASL, José Anderson Nascimento, para que ele pudesse produzir, com a sua arte, uma pintura que reunisse os principais ícones das literaturas portuguesa e brasileira. Já que o autor, como um dos participantes do Movimento Cultural Antônio Garcia Filho da mesma Academia, estava inserido nas discussões acadêmicas, principalmente nos campos da memória, história e da cultura em geral, uma vez que, ele era um intelectual com experiências não só como pintor, desenhista, gravador e cenógrafo, mas, também, como um praticante da arte figurativa, descrevendo a forma humana, os elementos da natureza e os objetos criados pelo homem, com as suas cores intensas, inigualáveis, identidade, essência.



Fonte: Acervo da Academia Sergipana de Letras, 2024.

E, assim como em suas aulas, o artista não se valeu somente das tintas, traduziu a energia em matéria, e vice-versa, como na fórmula $E = mc^2$, de Einstein. Pintou, sombreada, sobre um leve fundo que lembra o rendendê, um tipo de renda artesanal, característica da cultura sergipana, a musa dos poetas ou Colombina, dividida entre o amor carnal de Arlequin e o amor platônico de Pierrô, personagens da *Commedia dell'Arte*. No lado esquerdo, trouxe o retrato de Machado de Assis, principal fundador da Academia Brasileira de Letras e ao lado direito pintou a caravela e o retrato de Camões, homenageando o principal autor da Literatura Portuguesa. Ao centro, o pintor remata a obra com uma representação da Semana de Arte Moderna de São Paulo, com a ilustração da capa da primeira edição do livro Pau Brasil, de autoria de Oswald de Andrade.

A criatividade do pintor e a obra se entrelaçam com o delírio imagético de Brás Cubas, representado pelo hipopótamo; com o modernismo da Cobra Norato, do livro de Raul Bopp; com o esoterismo do Triângulo da Maçonaria; com seus clássicos peixes de boca aberta que denunciam angustiados as agressões aos oceanos e aos rios. Mas, jamais ficarão presas à ampulheta, que anuncia a inexorabilidade do tempo.

Pois, Leonardo Alencar vive, com o seu trabalho artístico, a sua compreensão e cultura sobre os aspectos científicos formadores da literatura lusófona, assim como com as suas representações esotéricas e energéticas, em tinta acrílica e cor, pintando sua inspiração, com essência e identidade, tais quais os seus pássaros de liberdade.



LUGAR DE FALAS



CONVIDAMOS ALUNOS DE PÓS-GRADUAÇÃO DA UNIT PARA FALARM SOBRE SUAS ÁREAS DE ATUAÇÃO E A RELAÇÃO COM A DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA. CONFIRA!



DEYZIRRÊ KELLE SANTOS VASCONCELOS

Graduada em Serviço Social pela Universidade Federal de Sergipe em 2013. Especialista em Direitos Humanos e Seguridade Social pela Faculdade Pio x e atualmente mestranda do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social também pela UFS.

1 - Descreva brevemente sua atuação em Serviço Social e sua pesquisa.

Minha atuação na área sempre foi ligada aos direitos de Crianças e adolescentes, desde o estágio extracurricular (Ministério Público do Estado), estágio obrigatório (Unidade de Saúde da Família) e posteriormente, como profissional, no Sistema Único de assistência social (SUAS), onde trabalhei em Centro de Referência de Assistência Social (CREAS), em acolhimento institucional para crianças e adolescentes e em Unidade de medida socioeducativa de internação masculina.

Nessas experiências sempre me inquietou sobre como a rede é importante para a garantia de direitos de crianças e adolescentes, mas como ela tem dificuldade de funcionar. Então minha pesquisa está focada na importância do trabalho em rede na garantia de direitos de crianças e adolescentes em medida protetiva de acolhimento institucional.

2 - O que é divulgação científica para você e como sua pesquisa pode contribuir na divulgação da Ciência?

A pesquisa é essencial para o avanço do trabalho em diversas áreas. Ela nos permite compreender as ações do dia a dia e pensar sobre as intervenções que estão sendo feitas, seus efeitos e as necessidades de mudança. A pesquisa precisa ser divulgada e ultrapassar os muros da Academia para que possamos refletir



cada vez mais sobre o trabalho que está sendo feito junto da comunidade. Espero que minha pesquisa possa servir como incentivo para abrir mais espaços de discussão entre os trabalhadores do Sistema de Garantia de Direitos da Criança e Adolescente, de como estamos executando a política de proteção e de como ela pode ser mais eficaz.



AYLA MARIA DIAS MONTEIRO

Graduada em Engenharia Civil pela Universidade do Estado da Bahia, Especialista em Segurança do Trabalho e Saúde do Trabalhador, Mestranda em Saúde e Ambiente pela Universidade Tiradentes.

1 - Descreva brevemente sua atuação em Engenharia Civil e Segurança do Trabalho e sua pesquisa atual.

Atuo há 18 anos na área de Engenharia Civil e Segurança do Trabalho. Na construção civil atuei em obras residenciais, comerciais, prediais, instalações hidrossanitárias e estradas.

Na segurança do trabalho iniciou na indústria petroquímica, metalúrgica, construção civil, limpeza urbana, área clínica e hospitalar. Atuou também como perita do ministério público do trabalho na Bahia.

No mestrado, desenvolvo a pesquisa na área ambiental sobre a incidência de plásticos e microplásticos nas praias de Aracaju identificando, qualificando e quantificando quanto às suas características.

2 - O que é divulgação científica para você e como sua pesquisa pode contribuir na divulgação da Ciência?

Através da divulgação científica podem-se divulgar, de forma clara, situações relevantes para a sociedade trazendo informações que subsidiem projetos e ações que impulsionam tomadas de soluções através de políticas públicas e gerem dados para que mais estudos sejam iniciados sobre temáticas que trazem discussões importantes a fim de propor melhorias e tratativas necessárias em busca de um bem maior.



WHATSAPP NA EDUCAÇÃO: UMA JORNADA TECNOLÓGICA RUMO AO SABER COLETIVO



Mileisy de Oliveira Lima - Mestra em educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Tiradentes (PPED/UNIT). Professora municipal de São Cristóvão-SE. milypedagoga@gmail.com



Alexandre Meneses Chagas - Doutor em Educação - Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade Tiradentes- PPED/UNIT. E-mail: profamchagas@gmail.com.

Galerinha, vamos embarcar em uma aventura tecnológica científica? Segura aí porque hoje vamos falar de algo que está revolucionando a forma como a gente aprende e compartilha conhecimento, o WhatsApp. Além de ser nosso parceiro diário para bater papo, esse app virou um verdadeiro avanço tecnológico na divulgação científica e educacional. Vamos mergulhar nessa jornada e entender como o WhatsApp foi muito além das mensagens de "Oi, tudo bem?".

Em 2009, o WhatsApp nasceu com a proposta de ser uma forma rápida e gratuita de trocar mensagens. A galera curtiu tanto que, em 2014, foi adquirido pelo Facebook, ganhando um upgrade tecnológico que trouxe melhorias significativas. Do simples "Oi", ele se tornou um gigante global de comunicação instantânea.

WhatsApp na Educação: como ele pode mudar o Jogo

Quando os professores perceberam que os estudantes estavam utilizando o WhatsApp a todo momento, entenderam que podiam criar grupos específicos no WhatsApp para cada disciplina, no qual os estudantes poderiam interagir, trocar materiais e discutir temas relevantes. Assim, seria uma sala de aula virtual, um espaço digital que complementaria o espaço físico, com a vantagem de estar disponível a todo tempo. Uma vantagem no seu uso é a possibilidade de compartilhar: textos, imagens, áudios, vídeos, documentos e realizar enquetes. Tornando assim, um espaço para múltiplas mídias poderem circular.

Dessa forma, professores podem criar conteúdo envolvente e os estudantes constroem coletivamente o conhecimento, de uma maneira mais significativa. Além de facilitar o aprendizado significativo e lúdico, ainda é possível aprender e se divertir ao mesmo tempo! Com *quizzes* e avaliações interativas pelo WhatsApp, o aprendizado ganha uma nova dimensão. A galera se desafia, compete e aprende brincando. (Massarani; Luísa, 2018)

WhatsApp na Divulgação Científica: conecta pessoas e conteúdos científicos

A divulgação científica é tipo o amigo que traduz os mistérios do universo científico para uma linguagem que todo mundo entende, sabe? É como abrir as portas do laboratório e convidar todo mundo para a festa do conhecimento. Nada de palavras difíceis ou teorias complicadas, é tudo na base do papo reto. É contar as novidades da ciência de um jeito que até o vizinho do lado vai conseguir entender e curtir. A ideia é deixar a ciência tão acessível quanto aquele meme engraçado que a gente compartilha no grupo da família. Então, se você quer ficar por dentro do que está rolando no mundo da descoberta e ainda se divertir, bora embarcar nessa viagem de conhecimento descomplicado! (Porto *et al*, 2018; Massarani, Luísa, 2018).

Quando a divulgação científica e a educação se encontram, é como unir o útil ao agradável. É levar o encanto das descobertas científicas para dentro da sala de aula, transformando o aprendizado em uma jornada empolgante e acessível a todos. É criar pontes entre o laboratório, a carteira escolar e a sociedade, onde os estudantes se conectam com o mundo ao seu redor de uma maneira mais próxima e envolvente. Essa parceria entre ciência e educação no universo do

WhatsApp não é apenas sobre fatos e teorias, mas sobre despertar a curiosidade, inspirar questionamentos e construir uma base sólida de entendimento. Portanto, essa união dinâmica não só forma mentes críticas, mas também abre as portas para um futuro onde o saber é uma aventura compartilhada por todos. (Massarani, Luísa, 2018)

Exemplos disso são as notícias e debates científicos, onde os professores usam o WhatsApp para compartilhar notícias e estimular debates sobre questões científicas. É como ter um laboratório de ciências na palma da mão, onde as últimas descobertas são compartilhadas e discutidas em tempo real. Também existem os Clubes Virtuais de Ciências, que possibilitam a criação de grupos para discutir experimentos e compartilhar artigos e cria comunidades virtuais de aprendizado. Os estudantes se ajudam, trocam ideias e ainda rola uns memes científicos para dar aquela descontraída. É como ter um clube de ciências onde a curiosidade não tem hora marcada.

Sabe o que é ainda melhor? Os Professores estão conectados e trocando informações. A formação de redes de professores pelo WhatsApp, permite a troca global de experiências e metodologias. É como uma conferência internacional, mas sem precisar se deslocar da sua cidade para outra. Os educadores compartilham não só conhecimento científico, mas também estratégias eficazes para tornar a ciência mais acessível e empolgante. (Porto *et al*, 2018; Massarani, Luísa, 2018).

A ciência não é só para quem usa jaleco branco; ela é para todos nós, na nossa vida diária. A divulgação científica é a chave que abre as portas do entendimento. Imagina ter nas mãos, via WhatsApp, as últimas descobertas sobre saúde, tecnologia e meio ambiente. É como ter um guia para entender o mundo ao nosso redor. (Porto *et al*, 2018).

Pros na Utilização do WhatsApp na Educação e Divulgação Científica

Por que usar o WhatsApp com um artefato entre divulgação científica e educação? Pela ampla acessibilidade, e por estar nas mãos da grande maioria dos brasileiros, o que torna a divulgação científica mais acessível em diferentes partes do mundo. Dessa maneira, pode ter interação e engajamento com os recursos como: vídeos, áudios, memes e *quizzes*, a aprendizagem se torna mais significativa e interativa, mantendo os estudantes engajados e interessados.

Com o WhatsApp, as pessoas podem se comunicar com rapidez e facilidade, inclusive sobre temas científicos. As últimas descobertas e informações da ciência podem chegar rapidamente aos interessados, seja por meio de grupos, listas de transmissão ou conversas individuais. Assim, o WhatsApp contribui para a popularização do conhecimento científico na sociedade.

Bora para frente, que a revolução está só começando!

O WhatsApp é mais do que um app de mensagens; ele é um aliado no processo de ensino e aprendizagem e é um instrumento fundamental na transformação educacional. Ao possibilitar a interação entre estudantes, professores e conteúdo, ele está revolucionando a forma como nos relacionamos com o conhecimento. Essa revolução envolve não só a tecnologia, mas também a forma como exploramos o potencial desse recurso para democratizar o acesso à educação.

O uso da Inteligência Artificial no WhatsApp transforma o app em uma plataforma de aprendizado inteligente, que abre novas possibilidades para a educação digital. Com o WhatsApp, podemos aprender de forma divertida e interativa, com a ajuda de chatbots que nos oferecem diversas funcionalidades. O WhatsApp é o nosso parceiro nessa jornada incrível de conhecimento. Você quer fazer parte desse grupo?

Referências

MASSARANI, Luisa; DIAS, Eliane Monteiro de Santana (Org.) **José Reis**: reflexões sobre a divulgação científica. Rio de Janeiro: Fiocruz/COC, 2018. Disponível em: http://portal.sbpcnet.org.br/livro/ebook_reflexoes_divulgacao_cientifica_press.pdf Acesso em: 20 dez. 2023

PORTO, C. ROSA, F. OLIVEIRA, K. (Org.). **Produção e difusão da ciência na Cibercultura**: Narrativa em múltiplos olhares. Editus: Ilheus, 2018. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/fc27h/pdf/porto-9788574555249.pdf> Acesso em: 10 dez. 2023

Divulgação Científica: **para quem e por quem?** Disponível em: <https://cienciahoje.org.br/coluna/divulgacao-cientifica-para-quem-e-porquem/> Acesso em; 24 nov.. 2023



NA ERA DA CIBERCULTURA, A DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA É, TAMBÉM, UMA TAREFA DO PESQUISADOR



Diego Oliveira Santos de Góes - Graduado em Comunicação Social - Jornalismo, pela Universidade Tiradentes .
Mestrando em Educação no Programa de Pós-graduação em Educação, da Universidade Tiradentes (PPED/UNIT).

A sociedade em todo o planeta vem mudando o comportamento de forma significativa, com os avanços tecnológicos, principalmente, com a popularização da internet. Similarmente, os pesquisadores e as Instituições de Ensino Superior também vêm mudando a forma de fazer divulgação científica, que, na maioria das vezes, acontece por meio das mídias digitais.

No contexto atual, a Divulgação Científica (DC), acontece de forma predominante, nas redes sociais, tais como Facebook, Instagram, TikTok e outras. Para tanto, os pesquisadores e as instituições devem conhecer as técnicas para montar materiais com os respectivos formatos estabelecidos por cada plataforma, além de abordagens criativas para manter o número de seguidores e buscar o alcance de mais pessoas.

Contudo, é fundamental entender que o papel do divulgador científico não é apenas fazer os conteúdos circularem nas redes. É, também, incentivar e aprimorar a educação científica. (PORTO; CHAGAS, OLIVEIRA, 2023). É necessário destacar essa informação, já que o volume de informações que circulam diariamente nas mídias

digitais, especialmente nas redes sociais, é muito maior do que efetivamente o ser humano é capaz de compreender, organizar e absorver como conhecimento útil. Ou seja, aquele caracterizado por um elevado grau de confiabilidade.

É relevante pontuar ainda que nesta era digital (Cibercultura), para o pesquisador fazer divulgação científica requer dedicação de tempo para planejar, produzir, além de adquirir, ao menos, conhecimentos básicos de comunicação e marketing, para que as postagens tenham o alcance e o engajamento desejados, assim como o público-alvo tenha acesso aos conteúdos.

Flores (2021), em artigo intitulado Divulgação científica: da esfera individual para a institucional, publicado no blog Cediciências, da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), frisa que, na prática, as instituições de ensino superior precisam apoiar mais os pesquisadores, inclusive com incentivo financeiro, para tornar a divulgação científica uma missão institucional e não, uma atividade individualizada.

Pela falta de incentivo, divulgar ciência seria uma atividade extra ou um diferencial do pesquisador, que, geralmente, a faz nas horas vagas, de forma voluntária, quando sobra tempo entre um projeto e outro de pesquisa. Esta lógica, segundo Flores, faz com que a DC acabe virando atividade secundária e, dificilmente, conta como tarefa para fins de progressão de carreira nos departamentos e, muitas vezes, é desprezada pelos docentes comprometidos com carreiras mais "científicas".

De acordo com dados estatísticos obtidos por Flores (2021), nem mesmo as universidades que se destacam em termos de produção científica e internacionalização, a exemplo da USP, Unicamp e Unesp, que são responsáveis por publicar 35% da produção científica nacional, possuem uma estrutura favorável à DC. Estas instituições, por sua vez, classificadas como 1^a, 2^a e 6^a, respectivamente pelo ranking de universidades da Folha de São Paulo 2019, ainda estão construindo seus mecanismos para fomentar a DC de forma consolidada.

Portanto, para transformar a iniciativa de divulgação científica individualizada é preciso investir em estrutura para divulgar as pesquisas. Seja criando uma

política institucional de comunicação que inclua a divulgação científica como estratégia até meios que valorizem a atividade dentro dos departamentos e incentivem o pesquisador a divulgar ciência, assim como, desenvolver projetos de longa duração.

De forma individualizada e sem a estrutura adequada das instituições, os pesquisadores podem se sentir desencorajados a divulgar ciência. Com isso, as pesquisas podem não chegar ao conhecimento do público. É relevante lembrar que, nas redes sociais, os conteúdos são postados e atualizados com bastante frequência e velocidade, com o objetivo maior de exibir os últimos acontecimentos e os assuntos em destaque no momento. Por conta disso, os conteúdos científicos se perdem com facilidade.

Para que isso não aconteça, os pesquisadores, segundo Ana Arnt (2022), podem utilizar alguns mecanismos que direcionam as pessoas a acessar as pesquisas a qualquer tempo e com facilidade, como *blogs* e *sites*, com um *layout* atrativo, personalizado e linguagem de fácil compreensão. Diante disso, uma estratégia utilizada pelas equipes de *marketing* é fazer da rede social uma espécie de ponte para convidar e captar pessoas a conhecerem o conteúdo científico que o pesquisador se propõe a apresentar.

Ainda como forma de executar os trabalhos com mais eficiência, é importante que os pesquisadores e divulgadores de ciência invistam em espaços de produção, notas e planilhas que exibam o tempo dedicado às redes sociais e produção de conteúdo, tempo de estudos, entre outras atividades de planejamento e execução. Dessa forma, é possível perceber com mais clareza informações de planejamento e tempo dedicado para a execução das atividades.

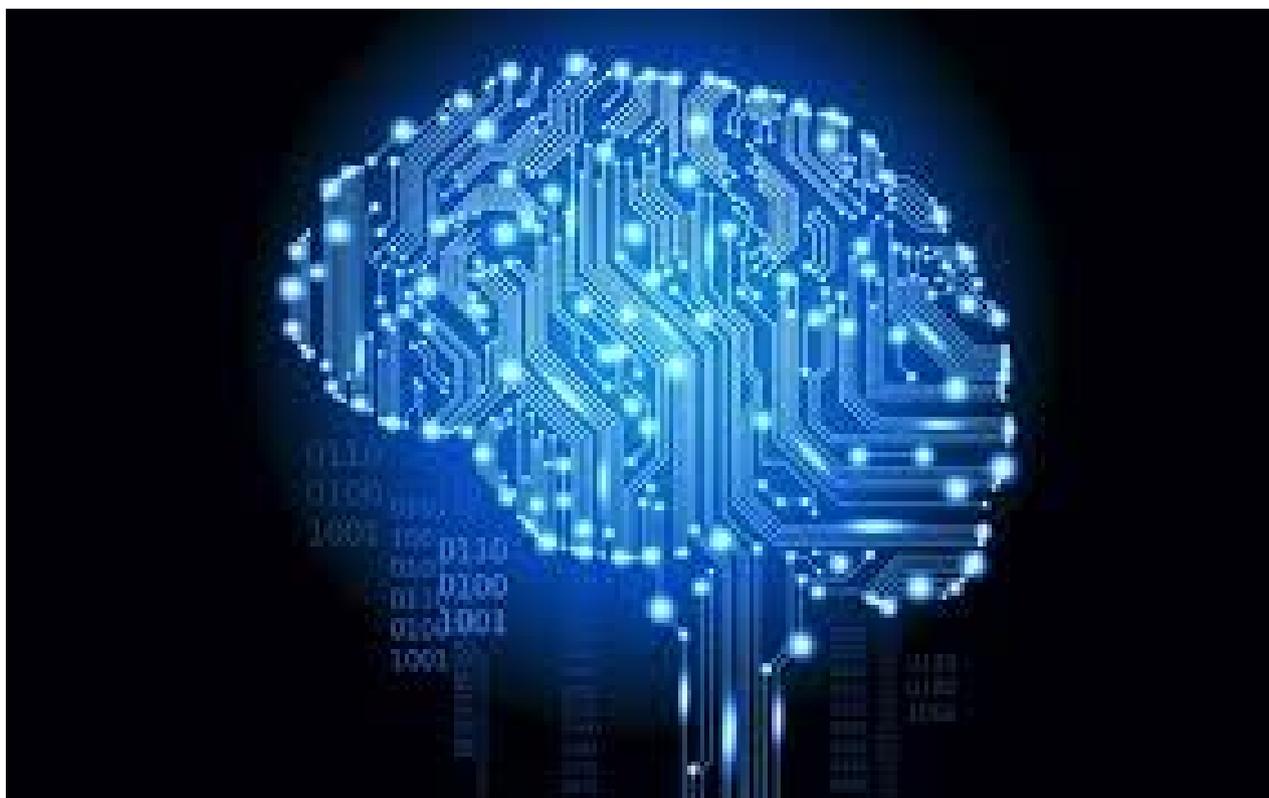
A partir da produção de notas, planilhas e planejamento de postagem, é possível observar e analisar os resultados disponíveis nas plataformas e, assim, adequar e adaptar os materiais conforme o perfil, a vontade e a necessidade do público-alvo. Isso, por meio dos dados fornecidos pelos algoritmos, assim como pelo engajamento (curtidas, visualizações, comentários e compartilhamentos).

Referências

PORTO, Cristiane; CHAGAS, Alexandre; OLIVEIRA, Kaio Eduardo. (Org.) **Educiber**: educação e divulgação científica em plataformas digitais. Aracaju. EDUNIT, 2023.

ARNT, Ana. **Divulgação científica em trajetórias aleatórias da vida** (ou "qual o caminho eu devo tomar?"). 15 set 2022. Disponível em: <https://www.blogs.unicamp.br/blog/divulgacao-cientifica-em-trajetorias-aleatorias-da-vida-ou-qual-o-caminho-eu-devo-tomar-v-8-n-12-2022/>. Acesso em: 5 jan 2024.

FLORES, Natália. **Divulgação científica**: da esfera individual para a institucional. 14 dez 2021. Disponível em: <https://www.blogs.unicamp.br/cediencias/2021/12/14/divulgacao-cientifica-da-esfera-individual-para-a-institucional/> Acesso em: 5 jan 2024.



CONEXÕES "PELO TELEFONE" E "PELA INTERNET": A CIÊNCIA NAS ONDAS DO SAMBA



Kadja Emanuelle Araujo Santos - Doutoranda em Educação (PPED/UNIT). Licenciada em Música (UFS). Professora de Música. Coordenadora do Conservatório de Música de Sergipe (SEDUC/SE). Membro do Grupo de Pesquisa História das Práticas Educacionais/UNIT/CNPq.

Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do Nascimento – Doutora em Educação (PUC/SP). Mestra em Educação (UFS). Bolsista de Produtividade em Pesquisa em Educação pelo CNPq, desde 2012. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação e dos Cursos de Graduação da Universidade Tiradentes, desde 2005. Líder do Grupo de Pesquisa História das Práticas Educacionais (UNIT/CNPq).

Cristiane de Magalhães Porto - Pesquisadora de Bolsa Produtividade Nível 2 do CNPq. Doutora Multidisciplinar em Cultura e Sociedade (UFBA). Mestrado em Letras e Linguística (UFBA). Pós-doutorado em Educação Proped/UERJ 2017 e pelo PPGE/UFBA 2022-2023. Pesquisadora do Instituto de Tecnologia e Pesquisa-SE. Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Tiradentes - UNIT. Diretora da Editora Universitária Tiradentes - EDUNIT.

Tem ciência no samba! No ritmo sincopado da divulgação científica o texto aborda as contribuições do samba para a popularização da ciência e as conexões entre as músicas "Pelo telefone" e "Pela internet", primeiro samba registrado no Brasil de grande sucesso popular e a primeira transmissão pela internet de uma música ao vivo no Brasil. Prepare-se para navegar nas ondas do samba e da ciência!

O portal Brasiliana – A divulgação científica no Brasil destaca vinte canções da música popular brasileira que usam diferentes áreas da ciência como fonte de inspiração. Já os autores Moreira e Massarani (2006) examinaram como as letras das canções da música popular brasileira surgem e expressam temas e visões sobre a ciência, a tecnologia e os impactos da vida moderna.

Uma destas temáticas é a ciência nos sambas-enredos. Nas ondas do samba, a ciência desfilou pelo carnaval com as marchinhas carnavalescas do início do século XX que popularizaram temas da saúde, da tecnologia, biografias de cientistas e inventores, e como sambas-enredos de Escolas de Samba. Em 1947, a Escola de Samba Estação Primeira da Mangueira conquistou o vice-campeonato com o samba-enredo que cita o físico César Lattes, **"Brasil, ciência e arte"**, de autoria de Carlos Cachça e Cartola. Em 2004, a ciência é destaque no samba-enredo da Escola de Samba Unidos da Tijuca **"O sonho da criação e a criação do sonho: a arte da ciência no tempo do impossível"**.

Já na cadência da ciência, os sambas "Pelo telefone" e "Pela internet" abordam os impactos dos avanços científicos e tecnológicos. **"Pelo Telefone"** é um marco para a história da música brasileira por ser o primeiro samba registrado oficialmente no Brasil de grande sucesso popular. O Samba foi uma das músicas mais executadas no carnaval de 1917 e contribuiu para a valorização do samba como gênero popular.

O título e os primeiros versos ("O chefe da polícia pelo telefone mandou avisar/Que na Carioca tem uma roleta para se jogar"), foram inspirados em um caso de polícia noticiado nos jornais sobre a liberação dos jogos de roleta no largo da Carioca, na cidade do Rio de Janeiro. A história da sua composição, também, é polêmica. O registro foi feito por Ernesto dos Santos, o Donga, na Biblioteca Nacional em 27 de novembro de 1916 como Samba Carnavalesco, porém, a autoria do samba é considerada uma composição coletiva de músicos que participavam da roda de samba na Casa da Tia Ciata no Rio de Janeiro. Posteriormente, Donga incluiu Mauro de Almeida como parceiro do samba. As primeiras gravações foram produzidas na **Casa Edison**, sendo a gravação mais conhecida a do intérprete Baiano com características do maxixe e de marchinha carnavalesca.

Oitenta anos após a primeira gravação de "Pelo telefone", Gilberto Gil compõe uma canção chamada **"Pela internet"** especialmente para um projeto inovador em parceria com a empresa de tecnologia IBM. A música foi lançada por meio de uma transmissão ao vivo e em tempo real pela internet em 14 de dezembro de 1996, momento em que a Internet começava a ser utilizada nas residências.

O samba cibernético de Gil cita as novidades tecnológicas, a globalização e os meios de comunicação. ("Criar meu web site/ Fazer minha home-page/ Com quantos gigabytes/ Se faz uma jangada/ Um barco que veleje") Os versos finais fazem referência ao samba "Pelo telefone". ("E o chefe da polícia carioca avisa pelo celular que lá na Praça Onze tem um videopôquer para se jogar"). Gil fez um upgrade, trocou o telefone pelo celular, a roleta pelo jogo eletrônico, o violão pela guitarra elétrica.

Em 1997, o samba foi gravado em estúdio e fez parte do álbum duplo **"Quanta"**, obra em que as canções abordam sobre ciência, arte e fé. Há uma gravação ao vivo da canção no álbum ao vivo **"Quanta Gente Veio Ver"** (no Brasil) e Quanta Live (versão americana) de 1998, resultado da turnê do álbum "Quanta" no Brasil e exterior. O álbum rendeu ao compositor o primeiro Grammy Latino na categoria de melhor álbum World Music.

Em 2018, Gil escreve **"Pela internet 2"** em outro ritmo. Não é um samba. É um reggae cibernético que faz crítica aos meios de comunicação e a utilização das redes sociais. Gilberto Gil conecta ciência e arte. É objeto de investigação de estudiosos da divulgação científica. Para Claudia Sisan e Cristiane Porto (2011) um mensageiro de Ciência. Para Artur Vilar, Kim Ramos, e Maria Barbosa-Lima (2022) um orixá da música brasileira.

Agora chegou a sua vez! Entre na onda! Clique nos *hyperlinks* do texto e acesse o *qr code* abaixo para conectar as músicas citadas no texto. Depois promova o debate na rede, compartilhe e popularize a Ciência!





"ORWELL FEAT. CRIOLO": DIÁLOGOS SOBRE A EXCLUSÃO SOCIAL"



Ma. ANA IZABEL NASCIMENTO SOUZA

*Mestranda em Saúde e Ambiente - UNIT
Médica pela Universidade Federal de Sergipe*

Música e literatura se encontram e nos dão novas interpretações do cotidiano, sendo possível sobre exclusão social a partir dos textos do escritor George Orwell e dos versos do cantor Criolo. Assim é a proposta do ensaio intitulado "ORWELL FEAT. CRIOLO": DIÁLOGOS SOBRE A EXCLUSÃO SOCIAL" disponível na íntegra no link.

Clique e acesse

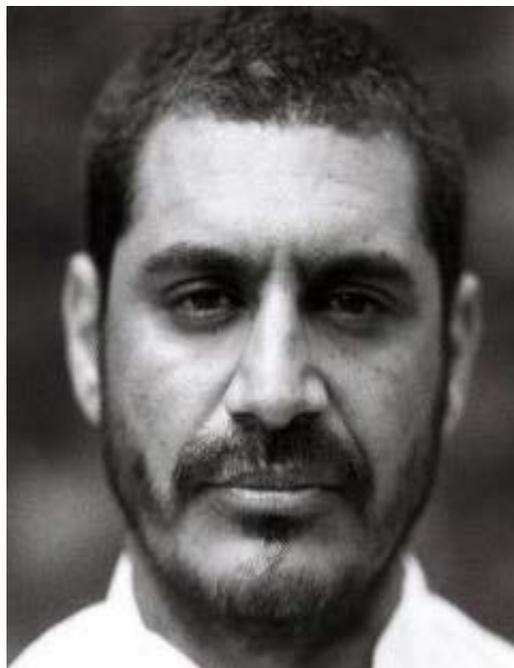


<https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/12385/2/OrwellFeatCriolo.pdf>

Trechos de cada artista nos fazem perceber sobre a marginalização social, condições insalubres de trabalho, moradia e saúde. Quebra-se, temporariamente, a noção de espaço e tempo de cada produção artística diante das desigualdades sociais, seja na Inglaterra do século XX ou no Brasil do século XXI. Um exemplo deste encontro musical e literário pode ser visto neste quadro.



Orwell



Criolo

"Nas enfermarias públicas de um hospital veem-se horrores que a gente parece não encontrar entre as pessoas que conseguem morrer em casa, como se certas doenças só atacassem pessoas dos estratos de renda mais baixos"

"Plano de saúde de pobre, fi, é não ficar doente."

Refletir sobre as produções culturais amplia nosso conhecimento e nosso enfrentamento sobre os desafios sociais. Produções aparentemente diferentes nos sensibilizam e nos levam a uma sociedade mais fraterna.

Referências

NAVE, GANJAMAN, G. CRIOLO. **Boca de Lobo**. São Paulo: Oloko Records, 2018.

ORWELL, G. **Como morrem os pobres e outros ensaios**. Tradução Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.



DESCOMPLICANDO O MESTRADO A PARTIR DE MARVELOUS MRS. MAISEL



BIANCA STEPHANNY MARTINS GOMES

Doutoranda em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Tiradentes (PPED/UNIT). Integrante do Grupo de Pesquisa História da Educação no Nordeste (GPHEM/UNIT).



CRISTIANO FERRONATO

Coordenador do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Tiradentes (PPED/UNIT). Doutor em Educação pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Líder do Grupo de Pesquisa História da Educação no Nordeste (GPHEM/UNIT).

No *streaming* Amazon Prime (não sabe o que é *streaming*? Sério? Dá uma pesquisada no Google) existe uma série chamada *The Marvelous Mrs. Maisel* que estreou em 2018, e conta a história de Midge Maisel, uma mulher que tem marido e filhos, aparentemente, a vida perfeita para o ano de 1958, até que o marido revela que estava tendo um caso com a secretária. A partir daí a vida de Midge sofre uma reviravolta, porque ela tem que se encontrar ao mesmo tempo que quer crescer na carreira de comediante. O que não é nada fácil para uma divorciada nos anos 50 com dois filhos!

Mas o ponto principal nem é esse. Esses dias eu estava assistindo o terceiro episódio da segunda temporada (não vou dar nenhum *spoiler*), e na cena podemos ver a mãe da Midge – Rose Weissman – com um grupo de garotas mais jovens na faculdade.

Naquele tempo, um dos principais objetivos das mulheres estudarem era para encontrarem uma pessoa estudiosa que se qualificasse como bom marido (ao menos podiam ir à universidade). O que mais me chamou a atenção foi quando uma das meninas comenta que a outra colega não pode submeter uma ideia para a dissertação de mestrado, segue o diálogo:



Loula: Eu não submeteria isso como sua dissertação de mestrado.

Rose: Um mestrado, isso parece tão importante! Todas vocês estão nesse caminho?

Milly: Basicamente.

Rose: Nossa, nem consigo imaginar! E, uma vez que, você tem seu mestrado, o que vocês fazem com ele?

Dora: Perdão?

Rose: É tão audacioso. Um mestrado. Vocês estão aprendendo tanto. O que vão fazer com todo esse conhecimento?

Milly: Do que ela está falando?

Rose: O que vocês vão fazer quando se formarem?

Milly: Tem muita coisa que podemos fazer. Ensinar.

[...]

Rose: Algumas de vocês estão fazendo isso para arrumar um marido, eu imagino? Por isso minha filha foi para a faculdade. Claro que ela queria fazer amigos e ir às aulas, mas o objetivo principal era conhecer um homem. E ela encontrou um. Então ele largou ela, e ela está em um trabalho de baixo nível, porque tudo que ela tinha era um curso de literatura russa. Não um mestrado.

Depois disso me peguei pensando no que acontece até hoje: muita gente ainda não sabe o que é um mestrado e o que se pode fazer depois de cursar. Então vou explicar para vocês com base na minha experiência no Mestrado em Educação da Universidade Tiradentes durante 2020 e 2022.

O mestrado é um curso com dois anos (sim, quando você pisca já acabou) e cursamos matérias que ajudem na construção da pesquisa – no meu caso foram História da Educação, Educação Brasileira, Fundamentos Epistemológicos e Metodológicos da Pesquisa, e Seminário de Pesquisa I.

Podemos dizer que o mestrado é uma das portas de entrada para o mundo da pesquisa (se você tiver a oportunidade, faça iniciação científica na graduação), é o momento em que você vai escolher a área em que você mais se identifica e um objeto para pesquisar. Por exemplo, minha área de pesquisa é História da Educação e meu objeto foi a Rádio Cultura e o Movimento de Educação de Base no período de 1959 a 1970. Tudo isso para entregar o trabalho final que é a dissertação.

São dois anos de dedicação às disciplinas e à escrita do trabalho. No meu caso, foi meu primeiro trabalho de grande porte (121 páginas!) e me fez quebrar a cabeça para escrever, porque a área de História da Educação é bem detalhista e diferentes fatores tinham que ser colocados para que eu pudesse analisar o contexto histórico do tempo que escolhi.

Mas voltando ao foco: o que fazemos no mestrado?

Como já disse, o objetivo final é a entrega da dissertação; para quem quer ou já dá aula pode auxiliar na busca de novos artefatos para ministrar as classes e aumento salarial. Para quem quer seguir a carreira acadêmica o passo mais lógico seria tentar o doutorado.

Porém, no meio desse turbilhão de coisas esquecemos uma das principais etapas que é a divulgação do trabalho. Na academia pode acontecer no formato de publicação de artigos em revistas científicas (se você acha difícil escrever uma dissertação, tente condensar dois anos de pesquisa em um artigo de 12 páginas) ou apresentando trabalhos em eventos da área.

Na universidade seguimos um padrão de pesquisa e estrutura de trabalhos constantes e já estamos acostumados a isso porque é exigência tanto da dissertação, como dos artigos. Mas, vai tentar fazer seus avôs entenderem o que você pesquisa. É muito difícil! É mais fácil deixar essa questão de lado e escrever apenas para a galera que já está acostumada a isso.

Por isso deixo aqui: devemos levar o tanto de conhecimento que conseguimos no mestrado para todo mundo, não deixar apenas na universidade, porque escrever apenas para nossos pares não serve para muita coisa. É necessário haver uma parceria entre universidade e sociedade, trazer a galera de fora para dentro, bem como ir para fora também. Explicar a pesquisa para o público e mostrar que o que a gente faz não é brincadeira e nem é "só estudar" como muita gente fala por aí.

REFERÊNCIA

THE MARVELOUS MRS. MAISEL. Direção: Amy Sherman-Palladino. Produção de Amazon Studios, Dorothy Parker Drank Here Productions e Picrow. Estados Unidos: Prime Vídeo, 2018. Streaming.

APRENDIZADO E PANDEMIA: UM REMODELAR DO APRENDER NA EDUCAÇÃO BÁSICA



Ediclecia Anjos dos Santos - Estudante de psicologia da Universidade Estadual de Feira de Santana. Estudante de Pedagogia do Centro Universitário Leonardo da Vinci. Integrante do grupo de estudos do projeto Sutaques na Escola.

Laryssa Nayra da Silva Santos - Estudante de psicologia pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Extensionista PIBEX/UEFS no Projeto Capoeira angola e saúde mental.

Mariana Leonesy da S. Barreto - Doutora em Psicologia (UFBA). Professora adjunta do Departamento de Educação da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Coordenadora do Grupo de Pesquisa Desenvolvimento Humano e processos educativos (DEHPE/UEFS) e coordenadora do projeto de extensão letramento na maturidade (UEFS).

Em 2020, um novo vírus, de rápida disseminação chega ao Brasil e se espalha com força, o SARS-CoV-2 (HASÖKSÜZ *et al.*, 2020), popularmente conhecido como Coronavírus. Com a chegada da COVID-19 diversas mudanças foram vivenciadas, os hospitais não conseguiam dar conta da quantidade de pessoas doentes, os cemitérios entraram em colapso e os familiares sequer poderiam velar o corpo dos seus entes queridos. Assim, a COVID-19 trouxe impactos que exigiu do ser

humano uma enorme capacidade de adaptação já que diversas mudanças em toda a estrutura social foram vivenciadas.

O isolamento social era imprescindível, as pessoas mal poderiam se cumprimentar ou se abraçar, o uso de máscara era obrigatório e a população vivenciava em tensão iminente frente ao medo de contrair um vírus letal (Brasil,2020). Na pandemia, portanto, o convívio social foi reduzido drasticamente, houve o fechamento das atividades consideradas como não essenciais e as medidas de proteção foram guiadas pelo decreto de estado de calamidade pública no Brasil, instituído pelo Congresso Nacional, sob legislação Número 6 de 2020, em 20 de março de 2020

Com a pandemia ocasionada pela COVID-19 houve o fechamento das escolas e, posteriormente, a adoção - ainda no primeiro semestre de 2020 - das atividades de ensino remoto, o que trouxe um impacto nas relações de ensino e aprendizagem e, também, variados desafios adaptativos. Era difícil discutir sobre questões educacionais quando milhões de pessoas morriam e todos os enfoques eram direcionados para os problemas de saúde pública.

A pandemia trouxe consigo a morte de 709.601 brasileiros segundo o Portal do Covid-19 (Brasil, 2024) e, apesar do tema ser discutido na esfera da saúde pública, pouco se debateu sobre essa temática no que se refere ao seu impacto no processo educacional, sobretudo, levando em consideração a educação básica.

Discutir sobre a pandemia é também falar sobre as relações de ensino e aprendizagem, pois assim como aponta Freire (1989), anterior à leitura das palavras, tem-se a leitura do mundo que nos cerca, mundo este que ensina a partir das vivências cotidianas que o aprender é constante e não se dá somente em ambiente escolar.

A pandemia gerou um impacto no processo educacional principalmente ao considerar as desigualdades sociais e econômicas vivenciadas pela população brasileira. Com a pandemia, o Conselho Nacional de Educação por meio do parecer 5/2020 (Brasil, 2020) aprovou a reorganização do calendário escolar e

implementou que as atividades fossem desenvolvidas de modo não presencial ou remoto a fim de cumprir a carga horária mínima anual. Assim, foi adotado o ensino remoto emergencial em decorrência das condições adversas vivenciadas ocasionadas pela COVID-19.

O ensino remoto emergencial foi implementado sem que houvesse qualquer preparação dos professores e sem políticas públicas que viabilizassem uma educação acessível e inclusiva. Com a pandemia, problemas educacionais da estrutura brasileira tornaram-se ainda mais evidentes. Houve diferenças significativas entre as instituições de ensino pública e privada e ficou claro o impacto da desigualdade social e econômica no sistema educacional (Lopes; Costa, 2022).

Os estudantes do ensino público, por exemplo, tiveram poucas condições de acesso à internet, bem como, não possuíam computadores ou aparelhos celulares que viabilizassem a interação entre professores e estudantes. Teoricamente, no ensino remoto emergencial cabia aos pais ou responsáveis irem para a escola para pegar as atividades dos seus filhos e os auxiliá-los na sua execução. Todavia, na prática, muitos desses familiares vieram a óbito, outros perderam os seus empregos na pandemia e muitos não tinham a formação adequada ou sequer eram alfabetizados, situação que os impossibilitavam de conduzir as atividades pedagógicas de modo adequado (Cunha *et al.*, 2020).

Por outro lado, os estudantes da rede de ensino privada - em sua maioria - participaram de aulas síncronas, obtinham computadores e artefatos que garantiam a acessibilidade ao contexto educacional. Além disso, a capacitação dos professores era ofertada e os estudantes tinham acesso aos materiais didáticos e pedagógicos que - apesar das adversidades também vivenciadas - garantiam uma melhor qualidade de ensino (Sacavino; Candau, 2020).

Cabe ainda destacar que a escola se constitui como um importante espaço para os pais ou familiares, ela é responsável pelo aumento do nível cultural dos estudantes, pela educação formal e se constitui como um importante espaço

de socialização. Além disso, o sistema educacional de ensino também funciona como uma rede de apoio importante, já que muitos pais deixam os seus filhos nas creches ou nas escolas para poderem trabalhar.

Na pandemia, com as escolas fechadas, houve o aumento dos índices de violência doméstica e de violência sexual infantil, o que deixou as crianças vulneráveis e em uma situação de risco e vulnerabilidade social. Além disso, de acordo com o Anuário Brasileiro da Educação Básica 2021 (Todos Pela Educação, 2021), houve uma defasagem educacional que surgiu com o afastamento dos estudantes na rede regular de ensino básico com o aumento considerável, a partir de 2021, no percentual de crianças que não sabem ler e escrever no País (Brasil, 2022).

Um outro elemento que deve ser pensado no ensino que aconteceu durante a pandemia é que os estudantes tiveram um reduzido contato com os seus colegas, o que dificultou o processo de interação social. Ficar longe do ambiente escolar, dos colegas e dos professores foi um desafio e, a escola - em certa medida - deixava de exercer o seu importante papel de atuar como uma rede de apoio e de proteção social. Por outro lado, a família poderia oferecer a criança e ao adolescente um suporte emocional ou - em outros casos - ser um local de perpetuação de violência doméstica agravada durante o período de isolamento social

Os estudos realizados que tratam do impacto do cenário de pandemia no âmbito educacional, possibilitam agora no período pós- pandêmico pensar na criação de Políticas Públicas que estejam voltadas para a diminuir os problemas que se intensificaram em tal momento. É preciso refletir sobre o papel da família no processo de escolarização, na importância da escola como um fator de proteção social para crianças e adolescentes, discutir sobre os processos de desigualdade social e aprimorar o sistema de ensino, especialmente, o ensino público a fim de ofertar melhores condições de igualdade social e econômica e, como consequência, reduzir a desigualdade social existente em nosso país que se intensificou drasticamente após a pandemia.



REFERÊNCIAS

ARAUJO, Denise Conceição Garcia; OLIVEIRA, Letícia Natália de; BERETTA, Regina Célia de Souza; BITTAR, Cléria Maria Lobo. **Percepções sobre o ensino remoto-domiciliar durante o isolamento físico: o que as mães têm a nos relatar?**

Saúde e Sociedade, [S.L.], v. 31, n. 1, p. 1-12, 17 jan. 2022. Semestral. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-12902022200877>. Disponível em: <<https://www.scielosp.org/article/sausoc/2022.v31n1/e200877/>>. Acesso em: 02 nov. 2022.

BRASIL. Alvana Maria Bof. Instituto Nacional de Pesquisa e Estudos Educacionais (org.). **Impactos da pandemia na alfabetização das crianças brasileiras.**

Cadernos de Estudos e Pesquisas em Políticas Educacionais, [S.L.], v. 7, p. 241-275, 29 dez. 2022. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. <http://dx.doi.org/10.24109/9786558010630.ceppe.v7.5573>

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Parecer nº 5/2020, de 28 de abril de 2020. Reorganização do Calendário Escolar e da possibilidade de cômputo de atividades não presenciais para fins de cumprimento da carga horária mínima anual, em razão da Pandemia da COVID-19. **Parecer CNE/CP Nº: 5/2020**. Diário Oficial da União, DF, 1 jun. 2020

BRASIL. Decreto Legislativo nº 6 de 20 de março de 2020. Reconhece, para os fins do art. 65 da Lei Complementar nº 101, de 4 de maio de 2000, a ocorrência do estado de calamidade pública, nos termos da solicitação do Presidente da República encaminhada por meio da Mensagem nº 93, de 18 de março de 2020. **Decreto Legislativo Nº 6 de 20/03/2020**. Edição Extra de 20/03/2020. ed. Diário Oficial da União, 20 mar. 2020. n. 55.

BRASIL. Secretaria de Vigilância em Saúde. Ministério da Saúde. **CORONAVÍRUS BRASIL**. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em: 09 fev. 2024.

CUNHA, Thiago Colmenero; SCRIVANO, Isabel; VIEIRA, Erick da Silva. EDUCAÇÃO BÁSICA EM TEMPOS DE PANDEMIA: PADRONIZADA, REMOTA, DOMICILIAR E DESIGUAL. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**, [S. l.], v. 6, n. 4, p. 119-137, 2020. DOI: 10.12957/riae.2020.51907. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/riae/article/view/51907>. Acesso em: 9 fev. 2024.

FREIRE, Paulo. **A IMPORTÂNCIA DO ATO DE LER**: em três artigos que se completam. 23. ed. São Paulo: Cortez Editora, 1989. 49 p.

HASÖKSÜZ, Mustafa; KILIÇ, Selçuk; SARAÇ, Fahrîye. Coronaviruses and SARS-COV-2. **Turkish Journal of Medical Sciences**, v.50, n.9, a.10, 2020. Disponível em: <<https://journals.tubitak.gov.tr/medical/vol50/iss9/10/>>. Acesso em: 08 nov. 2022.

LOPES, Ana Carolina Santana; COSTA, Stephanie Barbosa da. A DESIGUALDADE NA EDUCAÇÃO EM MEIO A PANDEMIA DA COVID-19: UM RETRATO DO ENSINO PÚBLICO E PRIVADO DO OESTE PAULISTA. In: XX ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFAS E GEÓGRAFOS, 20., 2022, São Paulo. **Brasil- Periferia- A geografia para resistir e AGB para construir**. São Paulo: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 2022. p. 1-14.

SACAVINO, Susana Beatriz; CANDAU, Vera Maria. Desigualdade, conectividade e direito à educação em tempos de pandemia. **Revista Interdisciplinar de Direitos Humanos**, Bauru, v. 8, n. 2, p. 121-132, jul./dez., 2020. DOI: 10.5016/ridh.v8i2.20. Disponível em: <<https://www2.faac.unesp.br/ridh3/index.php/ridh/article/view/20>>. Acesso em: 9 fev. 2024

TODOS PELA EDUCAÇÃO. **Anuário Brasileiro da Educação Básica 2021**. Moderna, 2021. Disponível em: https://todospelaeducacao.org.br/wordpress/wp-content/uploads/2021/07/Anuario_21final.pdf. Acesso em: 9 fev. 2024.



CURIANDO

LIDANDO COM O CALOR EM ANIMAIS DE ESTIMAÇÃO



MARCOS FIGUEIREDO RAMOS

Médico veterinário

Clinico cirurgião veterinário.

Traçar as linhas de cuidados e estratégias proporcionando bem-estar aos pets de estimação é uma preocupação primordial para os tutores, especialmente durante os períodos de calor intenso. O calor excessivo pode ser perigoso para os animais, levando em consideração as condições como insolação e exaustão térmica e dentre outros fatores. Portanto, é essencial adotar medidas proativas para garantir que os pets permaneçam seguros e confortáveis durante os meses mais quentes do ano.

Conscientização dos Sinais de Sobreaquecimento:

Os tutores devem estar cientes dos sinais de sobreaquecimento em seus animais de estimação. Estes podem incluir:

- 1. Ofegar excessivo e rápido.**
- 2. Língua e gengivas de cor escura ou vermelha.**
- 3. Fraqueza ou letargia.**
- 4. Vômitos ou diarreia.**
- 5. Aumento da frequência cardíaca.**
- 6. Colapso.**

Estratégias para lidar com o Calor:

1. Hidratação Adequada:

Certifique-se de que seu animal de estimação tenha acesso constante a água fresca e limpa. É fundamental manter os recipientes de água cheios e trocá-los regularmente para garantir a hidratação adequada.

2. Ambiente Fresco:

Mantenha os animais de estimação em ambientes frescos e sombreados sempre que possível. Evite deixá-los ao sol por longos períodos e forneça áreas de descanso frescas, como tapetes refrigerados ou azulejos.

3. Passeios Adequados:

Evite passeios durante os horários mais quentes do dia. Opte por caminhadas matinais ou noturnas, quando as temperaturas estão mais baixas. Preste atenção aos sinais de desconforto durante o exercício e interrompa as atividades se o seu animal mostrar sinais de cansaço ou calor excessivo.

4. Evite o Confinamento em Carros:

Nunca deixe seu animal de estimação dentro de um carro estacionado, mesmo que por um curto período. As temperaturas dentro de um veículo podem aumentar rapidamente e representar um risco de vida para os animais de estimação.

5. Banho Refrescante:

Ofereça banhos refrescantes em água fresca para ajudar a baixar a temperatura corporal do animal. Certifique-se de que a água não esteja muito fria, pois isso pode causar choque térmico.



6. Supervisão Constante:

Mantenha-se atento aos sinais de desconforto e sobreaquecimento em seu animal de estimação. Se suspeitar de problemas, entre em contato imediatamente com um veterinário.

7. Pelagem Adequada:

Em algumas raças de animais, o corte de pelos pode ajudar a reduzir o calor. Consulte um profissional de cuidados com animais de estimação para determinar se o seu animal de estimação se beneficiaria desse procedimento.



Em resumo, o calor pode representar um desafio significativo para os animais de estimação, mas com cuidados adequados e conscientização, os tutores podem ajudar seus companheiros peludos a permanecerem seguros e saudáveis durante os meses mais quentes do ano. É por isso que eu sempre falo em palestras, aulas e volto a dizer aqui, que não perca tempo busque imediatamente o médico veterinário da sua confiança porque apenas ele irá traçar a melhor linha de cuidado para seu pet, fique ligado aqui em nossas próximas matérias porque mais dicas como essas você encontra apenas aqui e até a próxima.

Artigo de Opinião



Samuel Francisco Rabelo – Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, com conceito 5, da Universidade Tiradentes (PPED/UNIT). Mestre em Educação pela UNIT. Membro do Grupo de Pesquisa Educação, Tecnologia da Informação e Ciberultura (GETIC/UNIT/CNPq) sob a linha Educação, ciência, difusão científica e as tecnologias contemporâneas.

Cristiane de Magalhães Porto – Pesquisadora de Bolsa Produtividade Nível 2 do CNPq. Doutora Multidisciplinar em Cultura e Sociedade (UFBA). Mestrado em Letras e Linguística (UFBA). Pós-doutorado em Educação Proped/UERJ 2017 e pelo PPGE/UFBA 2022-2023. Pesquisadora do Instituto de Tecnologia e Pesquisa-SE. Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Tiradentes - UNIT. Diretora da Editora Universitária Tiradentes - EDUNIT.

ENTRE NAVALHAS E CICATRIZES: TRAVESTIS E TRANSEXUAIS NA PÓS-GRADUAÇÃO NO BRASIL

E, se por um passe de ciência, o corpo desertor do *cistema* constrói caminhos alternativos de aprendizagens coletivas e práticas (re)educativas com vista ao alcance de uma inteligibilidade de gênero. Que noção ética de uma política de vida encontramos no protagonismo de travestis e transexuais que ao romperem com a evasão escolar compulsória, reivindicam seus processos formativos?

Há quem acredite que o passado não prevê o surgimento de trincheiras na atualidade, mas, é justamente pelo passado, que podemos ter uma noção do quão forte têm sido a luta de travestis e transexuais não só no Brasil, mas no mundo. Talvez nós, pessoas cisgêneras, não consigamos mensurar a potência da atuação de travestis e transexuais ante a produção um saber científico que humanize suas experiências.



O que diria Xica Manicongo - primeira travesti não indígena escravizada do Congo no Brasil no século XVI, denunciada aos Tribunais do Santo Ofício, e acusada pelo crime de sodomia, se visse uma travesti tornando-se mestra ou doutora e lutando contra os regimes de normalização tal como ela lutou com as condições que dispunha, que no caso, era a ousadia?

Ao longo dos anos, sobretudo com o surgimento dos Novos Movimentos Sociais ou os chamados movimentos sociais contemporâneos - movimento negro, movimento feminista, movimento de pessoas com deficiências, movimentos ambientalistas, movimento LGBTQQICAAPF2K+, entre outros, questões para além da existência de grupos qualitativamente minoritários passaram a contrastar com pautas políticas como o acesso a educação e o seu desenvolvimento em todos os níveis.

O que até poucos anos parecia uma realidade imutável, hoje, possibilita o rabiscar de horizontes ainda curtos e possibilidades para travestis e transexuais afirmarem: a prostituição não é o único lugar em que meu corpo pode existir! Há uma centelha em meio a escuridão que se constituiu nos sonhos dessas pessoas

que, em muitas noções de si, têm produzido escritas verdadeiramente inflamáveis na academia. Hoje, falamos em ESPERANÇAR.

Observa-se a ruptura com a expectativa do que se espera para a vida de travestis e transexuais no Brasil, começamos a notar a partir de 2005 um movimento de ocupação na academia. Outros corpos passam a integrar os corredores de universidades públicas. Em um movimento de insurgência, ouvimos o cortar de navalhas na escrita de teses e dissertações.

Jaqueline Gomes de Jesus, Luma Nogueira de Andrade, Marina Reidel, Letícia Carolina Pereira do Nascimento, Megg Rayara Gomes de Oliveira, Adriana Lohanna dos Santos, Lua Lamberti de Abreu, Linda Brasil Azevedo Santos, Sara Wagner York, Ester Sales Matos, Kika Sena.

Esses são alguns dos nomes que reverenciamos ao pensar a escrita dissidente de travestis e transexuais na pós-graduação no Brasil, que em sua maioria, encontram-se no campo da educação. Em 2022, contamos com a entrega do Título de Doutora Honoris Causa em vida, aprovado por unanimidade no Conselho Universitário



da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) a Keila Simpson, presidente da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA).

De maneira alguma esquecemos dos locais de opressão e exclusão que travestis e transexuais são alocadas pelo sistema, inclusive na academia. As dores, os pesares, a luta transformada em torno do luto ainda é uma realidade para a maioria dessas pessoas. Aqui, falamos sobre uma possibilidade de perceber outras experiências e narrativas que precisam ser divulgadas e, para além disso, rememoradas ao construirmos relações íntimas de afetos sob uma potência ética e estética de vida.

Consequentemente, nossa luta na academia deve ir de encontro a uma política do não silenciamento, da não solidão de travestis e transexuais em um ambiente ainda arenoso às suas experiências. Ao pensarmos em suas escritas, tomamos nota de que a sua não publicização pode evocar a noção de uma transfobia epistêmica.

E, se acaso travestis e transexuais forem lidas e não serem vistas apenas como objetos de estudos? Se as práticas políticas de suas vidas se tornarem a

via sacra de nossas relações sociais? Certamente, veríamos mais travestis e transexuais ocupando lugares de poder.

Em carteiras ainda vazias, imaginamos a atuação de corpos fora da norma social, que valida quais experiências são passíveis de existência e quais sequer merecem serem lidas como vidas. Sinto informar, mas a cisgeneridade não pode mais sustentar na prática a não existência dessas dinâmicas.

A pós-graduação deve estar ancorada no aprofundamento científico sem deixar nenhuma vida de fora. Afinal, a quem serve a pós-graduação se não ao povo? Pintemos, portanto, a pós-graduação de povo, com todas as suas mais plurais noções de existências, trazendo políticas de vida e resistência às escritas de teses e dissertações.

Infelizmente, sabemos que a realidade é ainda de um caminho a ser percorrido, mas, que já fora iniciado. Essa é a esperança, de que as cicatrizes que não deixarão de existir sirvam de direções à construção de ambientes seguros e de formação com vista a humanização de travestis e transexuais com travestis e transexuais.



Neste sentido, com a entrada de travestis e transexuais nos programas de pós-graduação *stricto sensu*, devemos também atentar sobre a sua permanência e manutenção, entoando a necessidade de se construir caminhos de acesso, como uma Política de Cotas. Que todas as "Xica Manicongo" possam tomar a educação.

vão de encontro às nossas vidas, acreditamos que é possível e mais do que urgente chamar a atenção da academia. A briga sempre será contra o CISTema e a burrocrazia que paira sob nossos processos formativos. É chegado o momento de rasgar as leituras eurocêtricas e reconhecer nossas histórias.

Tomados pelo movimento fissura em nossas leituras e escritas que

Invocando Urias: *"Navalha debaixo da língua. Tou pronta pra brigar"*.





Caroline da Silva Santos - Mestra em Educação pela Universidade Federal da Bahia - UFBA. Participa do Grupo de Pesquisa Educação. Redes Sociotécnicas e Culturas Digitais - EDUTEC/CNPq.



Edvaldo Souza Couto - Doutor em Educação. Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Bahia - UFBA. Líder do Grupo de Pesquisa Educação. Redes Sociotécnicas e Culturas Digitais - EDUTEC/CNPq.

USOS DA INTERNET DAS COISAS EM DUAS ESCOLAS PÚBLICAS BAIANAS

No cenário de inovação tecnológica, a Internet das Coisas (IoT), do inglês *Internet of Things*, vem propulsionar mudanças em diferentes áreas, uma tecnologia que pode estar presente em diferentes lugares e momentos e a sua expansão e complexidade são vistas como uma revolução tecnológica. A aplicação da IoT na educação, em busca de um ambiente mais inteligente na sala de aula, ou além dela, é um panorama atual. A perspectiva é de uma maior interatividade do homem com o objeto e do homem com o homem, monitorando o espaço físico, por meio de sensores que trazem os dados reais captados do ambiente. Esses dados serão compartilhados entre pessoas e objetos, modificando as práticas pedagógicas. Sendo assim, a internet das coisas, no campo educacional, pode criar instrumentos e ambientes inteligentes, que se conectam e coletam dados físicos e/ou fisiológicos das pessoas, para fins de uma melhor aprendizagem. Contudo, nesse processo existem desafios a serem considerados, entre eles, a coleta demasiada de dados e a privacidade dos alunos.

Nesse contexto, a pesquisa teve como objetivo analisar experiências da aplicação da internet das coisas em duas escolas públicas municipais, de ensino fundamental, no estado da Bahia. O método utilizado foi o qualitativo, de cunho descritivo e analítico. Para a análise dos dados usamos o método da análise de conteúdo. Nesse contexto, foi delineada a pesquisa através da descrição detalhada dos dados e da análise do que foi levantado em ambientes físicos e virtuais, e no estudo do campo empírico para compreender as características, aplicabilidade, possibilidades e desafios da IoT, delineando-a no campo educacional.

Para a construção dos dados sobre a percepção de alguns atores (diretores e professores) que trabalham nas duas escolas públicas municipais optou-se pela entrevista semiestruturada. Essa técnica foi escolhida porque produz uma melhor amostra da população em interesse. Foram entrevistados oito sujeitos: três professores e um(a) diretor(a), de cada escola, que vivenciaram o uso da IoT nessas instituições analisadas. A partir das informações obtidas por meio das entrevistas com os atores educacionais, procedeu-se à categorização dos dados. A divisão do material resultou em quatro categorias associadas ao tema central: 1. A eficiência do uso a que a escola se propõe; 2. A própria experiência; 3. Receptividade da comunidade escolar e 4. Cuidado com os dados e privacidade do aluno.

Neste estudo foram escolhidas duas escolas públicas municipais, que atendem a formação básica do ensino fundamental, I e II, com experiências com a IoT em seus espaços, o Centro Municipal de Educação Professor Paulo Freire (CAIC), em Vitória da Conquista-BA, com o projeto Uniforme Escolar Inteligente, em 2012 e, em 2021, o município de Mata de São João-BA, com o Projeto Reconhecimento Facial Escolar, ambos para monitoramento de frequência de alunos.

A primeira escola foi selecionada para a investigação, devido ao seu projeto, considerado inovador no Brasil e pioneiro no estado, que usou a IoT através da implementação de etiquetas de radiofrequência nos uniformes escolares da rede municipal de ensino, para o controle de frequência dos alunos entre 6 e 14 anos. Nesse processo foi instalado na entrada da escola, um sensor para captar o sinal de radiofrequência das etiquetas com chip RFID, inseridas nos uniformes escolares. Quando o aluno entrava e saía do espaço, a sua presença era confirmada em tempo real. Os dados gerados eram compartilhados para um sistema informatizado, que

enviava mensagem de texto (SMS) para os pais ou responsáveis pelos alunos, no celular cadastrado. Caso o aluno não comparecesse à aula, em até 45 minutos, uma mensagem era enviada automaticamente.

O outro projeto escolhido, é mais atual, estando em fase experimental na Escola Municipal João Pereira Vasconcelos da cidade de Mata de São João-BA. Neste, a IoT é aplicada na identificação biométrica do aluno, através do reconhecimento facial para controle de frequência escolar. É um projeto pioneiro na educação pública da Bahia, constituído por um sistema de monitoramento facial nas unidades escolares do Ensino Fundamental. Na entrada da escola foi instalado um prospecto de Frequência Digital Escolar Facial (Ponto ID), para capturar a imagem facial, fazer a identificação biométrica e registrar um boletim de frequência, acessado pela gestão escolar, via sistema web, para as ações de controle de presença do aluno e de merenda escolar da cantina. O registro da falta do aluno é comunicado à família, em tempo real, por meio de SMS, enviado para o celular cadastrado.

A Internet das Coisas, termo anunciado, em 1999, pelo pesquisador Kevin Ashton, é considerada como a web das coisas e a internet do futuro. Essa tecnologia já está presente em diversos ambientes, através dos objetos *smarts*: nas residências, assistência à saúde, nas Cidades Inteligentes, com infraestrutura e objetos móveis (carros autônomos, drones, robôs entregadores) e, no ambiente escolar com IoT em rede (*Smart School*).

Nesse contexto, a internet das coisas apresenta algumas definições: na visão de conectividade da tecnologia, a IoT semanticamente significa uma rede mundial de objetos interconectados, que propicia ambientes voltados para a facilitação do cotidiano de pessoas; em uma perspectiva comunicacional, a IoT é uma forma de comunicação eletrônica entre objetos que sentem o mundo, se comunicam e agem sobre os objetos. Há uma associação com a ubiquidade e pervasividade, com preocupação maior com os usuários dessa tecnologia. Neste estudo, a Internet das Coisas é abordada na comunicação das coisas entre si e na relação com os usuários (segurança e privacidade).

No contexto da Internet das Coisas na educação, a IoT pode fornecer atividades educativas mais interativas, para projetar e desenvolver ferramentas e estratégias pedagógicas que se adaptem à complexidade das inovações tecnológicas. Com a

IoT, o processo de ensino-aprendizagem é mediado pelos dispositivos móveis, com acesso à internet, possibilitando uma aprendizagem ubíqua, com conexão a todo momento e em toda parte. Podemos ver as aplicações em ambientes automatizados, plataformas de ensino, aplicativos, jogos educativos online e bibliotecas virtuais.

As falas das entrevistas com o gestor e as professoras do Centro Municipal de Educação Professor Paulo Freire (CAIC), indicaram que o projeto "Uniforme Escolar Inteligente" criou muitas expectativas na comunidade escolar. Contudo, ao longo do processo foram notadas dificuldades que geraram descontentamento no ambiente escolar. Surgiram problemas de infraestrutura (conectividade, nos *chips*), falta de comunicação, de interação social e pedagógica. Podemos perceber o uso limitado da tecnologia, usada como instrumento de apoio à gestão escolar, sem explorar suas potencialidades e possibilidades para o espaço escolar, incluindo as relações pedagógicas e o processo de ensino-aprendizagem. Nota-se que os professores ficaram de fora das discussões. Em relação à segurança dos dados coletados dos alunos e sua privacidade, não teve nenhuma medida adotada.

Na Escola Municipal João Pereira Vasconcelos, em Mata de São João, percebemos que tiveram diferentes momentos com a implementação do projeto: expectativas, dúvidas, satisfação da gestão escolar e de frustrações dos professores por não estarem envolvidos no processo. Embora os benefícios nesse primeiro momento de expectativas fiquem em evidências, surgem os desafios na prática: problemas de ordem de estrutura física, de comunicação (conexão de rede), da falta de envolvimento dos professores e da ausência de ações para proteção de dados e da privacidade dos alunos.

Os resultados deste estudo apontam que a IoT é objeto de atenção na educação, traz novas possibilidades para o contexto educacional, transforma a comunicação, hábitos, habilidades e aprendizagem da comunidade escolar, transcendendo o uso apenas de um dispositivo tecnológico, ou de um espaço automatizado, ou de um ambiente inteligente. Então, podem surgir novas relações pedagógicas, aproximação da escola com a família, implicações no processo de ensino-aprendizagem. Isto posto, observa-se que as instituições escolares precisam se organizar, com ações pedagógicas voltadas para o entendimento da inserção da tecnologia naquele ambiente, realizando diálogos com a sua comunidade. Por outro lado, podem gerar

frustrações quando os desafios crescem, não são enfrentados e a finalidade proposta não é alcançada.

Foi possível perceber neste estudo, que o percurso da tecnologia nas escolas, precisa ser mais acompanhado e inserido no contexto dos professores, que precisam participar de todo o processo. A IoT no ambiente escolar pode tornar a aprendizagem mais personalizada, dinâmica e participativa. No contexto da aprendizagem, a aplicação da IoT permite uma maior interação entre professores e alunos, com conteúdos individualizados, *feedbacks* das atividades, de forma rápida, com acesso aberto à informação. No cenário, é possível ter uma comunicação onipresente, ultrapassando os muros da escola. Para a prática docente, possibilita uma maior liberdade de atuação e acompanhamento mais próximo do aluno.

Com o desenvolvimento de dispositivos inteligentes, o debate sobre a segurança dos dados e privacidade, como visto nas entrevistas, é um tema ignorado nas escolas, mas é central nas abordagens e problemáticas de usos de tecnologias digitais na atualidade. Nesse cenário, notamos nos projetos estudados, que houve uma massiva coleta e compartilhamento de dados de alunos e responsáveis, guardados no banco de dados das empresas privadas que instalaram os dispositivos e os softwares. Isto posto, vemos a necessidade de ampliar as discussões para ter o bom uso da tecnologia, preservar a privacidade de crianças e adolescentes, garantidas por lei, e ter uma melhor relação entre governos, empresas e usuários que utilizam a IoT. Logo, governos e escolas precisam cumprir o que a Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais-LGPD determina, principalmente quando se trata de Dados Pessoais de Crianças e de Adolescentes. Os governos, antes de contratarem empresas de soluções tecnológicas, devem planejar, criar regras, normas e processos para a administração dos dados nas escolas. A escola precisa ter prudência e transparências em relação à utilização dos dados dos alunos e responsáveis.

Há uma longa jornada para garantir que os dados não sejam usados para outros fins, além dos supostamente educacionais. Prontamente, é indispensável ter um ambiente favorável e democrático nas escolas para o uso de elementos de IoT nos seus espaços.

**Link do Repositório da UFBA
para acessar a dissertação:**

Clique e acesse 

<https://repositorio.ufba.br/handle/ri/37347>

Revista Acadêmica | **ReAD**
de Divulgação Científica

Críticas e sugestões entre em contato



revista.dcientifica@gmail.com

Uma produção exclusiva

